

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTUDO DA ADAPTAÇÃO PORTUGUESA DO
CREOQ 3: UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE
PADRÕES DISFUNCIONAIS EM RELAÇÕES DE
CASAL**

Inês Perdigão Prates

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTUDO DA ADAPTAÇÃO PORTUGUESA DO
CREOQ 3: UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE
PADRÕES DISFUNCIONAIS EM RELAÇÕES DE
CASAL**

Inês Perdigão Prates

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor João Manuel Monteiro da Silva Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2015

Agradecimentos

Ao professor João Moreira, pela compreensão, disponibilidade e partilha generosa de experiência e conhecimento

À Mãe e ao Pai pelo apoio, incentivo, motivação e carinho constantes, pelo exemplo, porque sem vocês nada teria começado

À Maggie (“*fav sis*”) pelo albergue, por generosamente ter impedido que fosse filha única, por me “abandar”, por nos rirmos juntas

Aos avós, pelo carinho e exemplo de vida

Aos avós, pela minha infância, pelo exemplo de força e coragem

Ao Helton, por tudo, por ser o meu “complemento”! (e por me disciplinar quando me faltava motivação intrínseca “Vai estudar!”)

Ao Professor Daniel Sampaio

Aos amigos, à família, e aos amigos que são família! pela compreensão e apoio

À Magui, Isabel e Carla, companheiras de caminhada psicológica, colegas, mas muito mais que isso: amigas que nunca me “largaram a mão” e me ajudaram sempre!

Aos colegas solidários e amigos de partilhar: materiais, ideias, inquietações

Aos meus chefes, pela disponibilidade, e aos meus colegas de trabalho por me acompanharem e me ouvirem

Dedicado aos meus pais, o meu casal de eleição!

Resumo

A presente investigação teve como principal objetivo adaptar e estudar as qualidades psicométricas da versão portuguesa do *Couple's Relating to Each Other Questionnaires 3* (CREOQ 3). Este instrumento foi desenvolvido a partir do modelo do Octógono Interpessoal de John Birtchnell, permitindo avaliar a presença de padrões interpessoais disfuncionais no âmbito da relação de casal, com potencial de aplicação em terapia. Neste estudo, efetuou-se a sua tradução e aplicação, em conjunto com outros instrumentos, para avaliação da sua validade. O *Person's Relating to Others Questionnaire 3* (PROQ 3) foi aplicado para avaliar estilos interpessoais disfuncionais gerais. A *Relationship Rating Form Revised* (RRF- R) permitiu avaliar os níveis de satisfação na relação e a Escala do Modelo do Investimento (EMI) – Parte IV o nível de compromisso. A análise psicométrica mostrou resultados encorajadores em termos das correlações com o PROQ3 e a RRF- R, mas verificaram-se algumas lacunas ao nível da consistência interna e das intercorrelações entre as escalas do CREOQ3. Estes problemas, bem como a análise dos conteúdos, sugerem a necessidade de reformular alguns itens na tradução do CREOQ 3. Diferenças culturais poderão também ter tido um papel nos resultados encontrados e deverão ser tidas em conta no aperfeiçoamento da adaptação.

Palavras-chave: padrões disfuncionais; casais; circumplexo interpessoal; octógono interpessoal; avaliação

Abstract

This study had as its main goals to adapt and study the psychometric qualities of the Portuguese version of the *Couple's Relating to Each Other Questionnaires 3* (CREOQ 3). This instrument was developed on the basis of John Birtchnell's interpersonal octagon model, and assesses the presence of dysfunctional interpersonal patterns in couple relationships, with potential applications to psychotherapy. In this study, after the translation of the instrument, it was administered, together with some other instruments, so as to assess its validity. The *Person's Relating to Others Questionnaire 3* (PROQ 3) was used to assess general dysfunctional interpersonal patterns. The *Relationship Rating Form Revised* (RRF-R) allowed for the assessment of satisfaction with the couple relationship, and the Investment Model Scale- Part IV, assessed the level of relationship commitment. The psychometric analysis showed encouraging results in terms of correlations with the PROQ 3 and the RRF-R, but some limitations were found regarding internal consistency and intercorrelations among CREOQ 3 scales. These results, together with content analysis, suggest the need to reformulate some items in the CREOQ 3 translation. Cultural differences may also have had a role in the results that were found, and should be taken into account in improving the adaptation.

Keywords: dysfunctional patterns; couples; interpersonal circumplex; interpersonal octagon; assessment

Índice

	Página
Introdução.....	1
Revisão da Literatura.....	2
1. A qualidade da relação de casal e as características dos parceiros.....	2
2. A qualidade da relação de casal e as interações dos parceiros	3
3. A Teoria Interpessoal	3
3.1. O Círculo Interpessoal e a hipótese da complementaridade.....	4
3.2. O Octógono Interpessoal: o modelo de John Birtchnell.....	5
Metodologia	11
1. Amostra	11
2. Instrumentos	11
2.1. PROQ 3 – <i>Person’s Relating to Others Questionnaire 3</i>	12
2.2. CREOQ 3 – <i>Couple’s Relating to Each Other Questionnaires 3</i>	13
2.3. RRF – R: <i>Relationship Rating Form Revised</i>	14
2.4. EMI - Escala do Modelo do Investimento – Parte IV: Subescala do	
Compromisso.....	15
3. Procedimento	15
Resultados	15
1. CREOQ 3 – Qualidades Psicométricas	15
2. Correlações Interescalares do CREOQ 3.....	18
3. Comparação entre os resultados do PROQ 3 e os resultados nas escalas <i>Self</i> do	
CREOQ3	21
4. Correlações entre as escalas do CREOQ 3 e a RRF – R	22
5. Correlações entre as escalas do CREOQ 3 e a EMI – Parte IV.....	22

Discussão	23
Conclusões, limitações e recomendações	26
Referências	28

Introdução

A qualidade da relação de casal tem sido frequentemente associada a *outcomes* positivos, como por exemplo a uma melhor saúde (Robles & Slatcher, 2014), melhores prognósticos de doenças como a diabetes (Schokker, Stuive, & Bouma, 2010), menor incidência de sintomas depressivos (Kouros & Cummings, 2010, 2011; Kouros, Papp, & Cummings, 2008) maior bem-estar pessoal (Proulx, Helms, & Buehler, 2007) e tem sido até estudado o efeito protetor do casamento em termos de longevidade (Wan, Jaccard, & Ramey, 1996).

Por outro lado, existe vasta literatura acerca da relação entre as características dos elementos do casal e a qualidade da relação, em diferentes domínios, de que são exemplo aspetos demográficos (Jose & Alfons, 2007), associados ao aspeto físico (Meltzer & McNulty, 2014) e às características de personalidade (Barelds, 2005; Donnellan, Conger, & Bryant, 2004; Letzring & Nofhle, 2010; Malouff, Thorsteinsson, Schutte, Bhullar, & Rooke, 2010; Watson, Hubbard, & Wiese, 2000). Outros estudos têm examinado, por exemplo, o papel da semelhança dos casais. Aqui, os resultados têm sido ambivalentes: alguns estudos encontraram correlações positivas entre a semelhança dos parceiros e a satisfação na relação e outros não, o que parece apontar para a existência de fatores mediadores ou sugerir que algumas dimensões da semelhança podem contribuir mais para a satisfação conjugal que outros (Gonzaga, Campos, & Bradbury, 2007). No âmbito da Teoria Interpessoal (Pincus & Ansell, 2003), há evidências de que os parceiros mais semelhantes em cordialidade e mais diferentes em dominância são os que apresentam níveis mais elevados de qualidade da relação.

A investigação tem também explorado a relação entre a psicoterapia (individual) e satisfação das relações de casal (Kalaitzaki, Birtchnell & Hammond, 2014), o que recomenda a utilidade de um instrumento de avaliação do relacionamento interpessoal conjugal

disfuncional como o *Couple's Relating to Each Other Questionnaire* (CREOQ) (Birtchnell, Voortman, DeJong, & Gordon, 2006), que poderá também ser muito útil em terapia de casal. A tradução da versão reduzida deste instrumento, desenvolvido por John Birtchnell (CREOQ 3; Kalaitzaki et al., 2014), a partir da sua teoria do Octógono Interpessoal, será o contributo central do presente estudo. A par da tradução e da análise das qualidades psicométricas do CREOQ 3, pretende-se ainda dar a conhecer uma teoria de suporte à intervenção psicoterapêutica, dando-se especial ênfase neste estudo à sua potencial relevância no contexto das intervenções com casais.

Revisão da Literatura

1. A qualidade da relação de casal e as características dos parceiros

As características de personalidade têm sido frequentemente analisadas na literatura quanto ao seu potencial enquanto preditores da qualidade da relação de casal. No âmbito do *Five Factor Model*, o neuroticismo foi consistente e negativamente associado a indicadores de satisfação e qualidade da relação (Lavee & Ben-Ari, 2004; Malouff et al., 2010; Watson et al., 2000), mas também outros domínios da personalidade como a amabilidade, conscienciosidade e extroversão parecem desempenhar um papel neste sentido. Numa meta-análise com 19 amostras (Malouff et al., 2010), concluiu-se que baixo neuroticismo, elevada amabilidade, elevada conscienciosidade, e elevada extroversão – quatro características de personalidade do *Five Factor Model* – estavam significativamente correlacionadas com o nível de satisfação da relação de casais heterossexuais.

Em alguns destes estudos, foram analisados os efeitos das características do indivíduo, bem como das características do parceiro sobre a satisfação da pessoa na relação (Robins, Caspi, & Moffitt, 2000). Uma parte destas das investigações restringia-se a um determinado momento no tempo, ao passo que outras apresentavam análises longitudinais, em que era possível analisar aspetos da evolução da relação ao nível da satisfação e das próprias

características dos parceiros (e.g. Shiota & Levenson, 2007). A influência de semelhanças reais *versus* semelhanças percebidas dos parceiros ao nível dos traços de personalidade foi também considerado pelos investigadores no âmbito dos determinantes da satisfação ou qualidade da relação de casal (Decuyper, Bolle, & Fruyt, 2012) . Vários autores analisaram ainda estes aspetos em diferentes fases da relação, como o namoro e a fase inicial do casamento (Gonzaga et al., 2007), ou fases posteriores do casamento (O'Rourke, Claxton, & Chou, 2011).

2. A qualidade da relação de casal e as interações dos parceiros

Numa outra abordagem, mais dinâmica, John Gottman produziu um extenso e notável trabalho no âmbito dos determinantes da satisfação nas relações de casal. Apoiou-se, para o efeito, na observação de padrões de interação entre os casais, tendo desenvolvido sistemas de codificação como o *Rapid Couples Interaction Scoring System* (RCISS; Krokoff, Gottman, & Hass., 1989, citados por Gottman & Levenson, 1992), que permitia classificar os casais em tipos maritais *regulados* e *não regulados*, através de uma *checklist* de comportamentos. Este autor identificou e descreveu diferentes tipos de comportamentos dos parceiros com impacto positivo ou negativo na relação de casal, como as afirmações *yes-but* – utilização de expressões desculpabilizantes (e.g. Katz & Gottman, 1993) – o *flooding* – quando as emoções negativas do parceiro surgem de forma inesperada – e o *stonewalling* – quando quem está a ouvir se retira da interação (e.g. Gottman, 1993).

3. A Teoria Interpessoal

Neste contexto, a Teoria Interpessoal poderá desempenhar um papel muito importante em dois sentidos. Por um lado, ao abordar as relações na perspetiva da interação da díade, adota uma perspetiva mais interativa que a abordagem dos domínios e facetas de personalidade e outras características individuais dos parceiros. Por outro lado, apoia-se numa

base teórica sólida, que é ancorada no modelo do Círculo Interpessoal (Leary, 1957, citado por Pincus & Ansell, 2003) e conheceu um importante desenvolvimento com o modelo do Octógono das Relações Interpessoais (Birtchnell, 1994, citado por Birtchnell, 2014), um modelo explicativo do funcionamento interpessoal humano.

3.1. O Círculo Interpessoal e a hipótese da complementaridade.

O modelo estatístico do Circumplexo foi descrito pela primeira vez por Guttman em 1954 (citado por Gurtman, 2009) para definir a relação entre variáveis localizadas em domínios com duas dimensões. Não foi desenvolvido especificamente para o Círculo Interpessoal mas, porque parecia idealmente adequado, foi adotado pelos teóricos e investigadores interpessoais. O modelo do Círculo Interpessoal foi apresentado pela primeira vez pelo *Kaiser Research Group*, nos anos 50, como uma ferramenta integrativa para o diagnóstico interpessoal (e.g. Leary, 1957 citado por Gurtman, 2009). O Circumplexo Interpessoal surge assim como uma representação geométrica das diferenças individuais numa variedade de domínios, incluindo o dos traços e problemas interpessoais, que são redutíveis às diferenças entre as duas dimensões ou modalidades fundamentais da existência humana – Agência e Comunhão (Bakan, 1966, citado por Gurtman, 2009). Os círculos têm um raio constante, o que implica que ambas as dimensões contribuem igualmente para todas as variáveis interpessoais, e acarreta uma distribuição contínua das variáveis (Gurtman & Pincus, 2003). Este modelo serviu de base a um conjunto de importantes medidas de personalidade como o *Interpersonal Adjective Scale-Revised* (IAS-R; Wiggins, Trapnell, & Phillips, 1988) e o *Inventory of Interpersonal Problems – Circumplex* (IIP-C; Alden, Wiggins & Pincus, 1990). Cada escala destes instrumentos corresponde uma região particular do Circumplexo e todas as regiões no espaço interpessoal estão representadas em igual medida.

O princípio interpessoal da complementaridade é central na Teoria Interpessoal (Pincus & Ansell, 2003). Este princípio tem sido entendido de diferentes formas, descritas no

artigo de Markey & Markey (2007). Uma destas sugere que cada comportamento acarreta informação que garante ou nega amor e estatuto ao próprio e ao outro; uma segunda propõe que os indivíduos são atraídos por outros com características semelhantes, uma vez que cada um reforça assim o autoconceito do outro; e uma terceira, que é a mais comumente utilizada e referida em investigação e que recolhe maior número de evidências, sugere que as díades tendem a ocupar uma posição semelhante em Comunhão – dimensão horizontal do circumplexo – (e.g. grau de hostilidade *versus* cordialidade) e oposta em Agência – dimensão vertical do circumplexo (e.g. grau de dominância *versus* submissividade). Markey & Markey, (2007) verificaram que os casais que reportavam níveis superiores de qualidade na relação eram mais dissemelhantes em termos de dominância. De acordo com a abordagem mais comum ao princípio da complementaridade, este é o tipo de emparelhamento ideal, porque faculta a cada parceiro um sentido de auto-validação, ao permitir-lhe comportar-se de forma consistente com a sua personalidade (Carson, 1969; Sullivan, 1953; citados por Markey & Markey, 2007). A discrepância em dominância é preferível numa díade romântica, uma vez que, por um lado, dois parceiros dominantes podem experimentar elevados níveis de conflito por ambos tentarem exercer controlo sobre o outro e, por outro, se os dois elementos do casal são submissos podem sentir-se muito frustrados porque nenhum deles tenderá a tomar a iniciativa. Kiesler (1996; citado por Markey & Markey, 2007) defende igualmente que as relações complementares são de reforço mútuo para os parceiros e por isso tendem a ser mais estáveis e satisfatórias, porque as características interpessoais de cada pessoa estão em harmonia com o conjunto de reações e posições complementares que são desejadas pelo outro.

3.2. O Octógono Interpessoal: o modelo de John Birtchnell.

O modelo do Octógono Interpessoal de John Birtchnell introduz uma importante contribuição, ao reforçar e explicitar a relevância de enquadrar o relacionamento interpessoal

entre duas pessoas numa relação específica. Clarificando: “É provável que as pessoas se relacionem de formas diferentes com outros diferentes – de forma mais distante com estranhos e mais próxima com pais e amigos” (Birtchnell, 2014). Não tendo desenvolvido o seu modelo em conjunto com os teóricos do Círculo Interpessoal, Birtchnell partiu de estudos acerca da relação entre dependência e depressão, dos quais concluiu que deveriam existir duas componentes na dependência: a necessidade de estar próximo, e a necessidade de se relacionar a partir de uma posição de inferioridade. Considerando que seria útil conceber o relacionamento como situado nesse espaço bidimensional (Birtchnell, 1984; citado por Birtchnell, 2014), criou o seu próprio sistema biaxial (Birtchnell, 1987; citado por Birtchnell, 2014). Posteriormente (e.g. Birtchnell, 1994, citado por Birtchnell, 2014) representou em dois eixos ortogonais as suas posições Superior-Neutro (SN) e Inferior-Neutro (IN) – eixo vertical, e Neutro Próximo (NP) e Neutro Distante (ND) – eixo horizontal. Ao introduzir as quatro posições intermédias Superior-Próximo (SP), Inferior-Próximo (IP), Superior-Distante (SD) e Inferior-Distante (ID), criou uma estrutura teórica a que chamou de Octógono Interpessoal. Existe uma semelhança estrutural entre o Círculo e o Octógono Interpessoais, uma vez que os eixos que estes definem são conceitualmente semelhantes.

Ainda numa fase inicial, Birtchnell começou a desenvolver a ideia de que existem formas de relacionamento que são consideradas desejáveis e construtivas – *positivas* – e formas de relacionamento que são consideradas indesejáveis e destrutivas – *negativas* – pelo que, no Octógono, cada polo de cada octante tem uma forma *positiva* e uma forma *negativa*. Para alguns autores, as formas *negativas* correspondem a certas zonas do Círculo Interpessoal, por exemplo aos polos inferior – *submissão* – e superior – *domínio* – do Círculo e ao seu lado esquerdo, o que parece conferir ao Círculo um cariz valorativo. Pelo contrário, Birtchnell propõe a existência de dois octógonos, um positivo e um negativo, dissociando a posição espacial de qualquer atitude valorativa. Assim, os termos usados para referir cada polo do

Octógono foram selecionados de forma a serem gerais, neutros e abstratos, o que não ocorre no Círculo Interpessoal.

Birtchnell não propõe, como Leary (1957), influenciado por Sullivan (1953) e Horney (1937) (citados por Pincus & Ansell, 2003) que as pessoas desenvolvem determinados estilos de relacionamento para evitar e minimizar a ansiedade. Dá antes ênfase à base evolucionista e neurofisiológica do relacionamento: os seres humanos, e até mesmo os animais, estão motivados para procurar estados de relacionamento desejáveis, o que implica a existência de objetivos de relacionamento que deverão ter sobrevivido no processo evolutivo por acarretarem vantagens para o indivíduo. A parte do sistema nervoso afeta a esta função foi designada por *inner me*. Uma pessoa pode experienciar a necessidade de um estado de relacionamento em particular, o que a poderá impelir, como no caso da fome ou da sede, a tentar relacionar-se de determinada forma para o obter. Os indivíduos estão conscientes destes estados de relacionamento, mas necessitam de adquirir a capacidade de os atingir, o que fazem, no período de maturação, nas interações sociais normais. Algumas pessoas adquirem as oito capacidades, mas outros adquirem apenas algumas ou de forma parcial, o que corresponde ao *relacionamento negativo*.

Birtchnell considerava ainda que a diferença entre comportamentos adaptativos e desadaptativos ou disfuncionais era qualitativa, propondo a existência de *graus de competência relacional*. Em 1957, Leary (citado por Pincus e Ansell, 2003) defendera antes que para cada segmento do Círculo Interpessoal deveria existir uma gradação ou *intensidade* que variava entre o *ajustamento adaptativo*, que localizava perto do centro do Círculo, e os *extremos psiquiátricos* – qualidades indesejáveis, que localizava na periferia. Neste aspeto, era influenciado por Sullivan (1953, citado por Pincus e Ansell, 2003), que tinha proposto que as formas de comportamento adaptativas e desadaptativas deveriam existir num *continuum*.

Birtchnell (e.g. Birtchnell, 2003) sugere que o indivíduo nasce com disposições ou necessidades direcionadas relativamente aos estados de relacionamento. Ao longo do desenvolvimento, e com a experiência na interação com os outros, o indivíduo pode adquirir a competência e a confiança necessárias para manter os diferentes estados de relacionamento. As pessoas *versáteis* são competentes e confiantes nos oito octantes, podendo atingir qualquer estado de relacionamento *positivo* quando é necessário. Idealmente, num estado de relacionamento *positivo*, uma pessoa é capaz de se relacionar de forma eficaz e construtiva, sem prejudicar ou ofender aqueles com quem se relaciona. Por outro lado, se uma pessoa precisa de satisfazer uma necessidade de relacionamento e não o consegue de forma competente, fá-lo-á de forma incompetente (Paulhus & Martin, 1987, citado por Birtchnell, 2014) ou *negativa*, o que para Birtchnell, implica a existência uma estratégia desesperada, insegura ou evitante. Existem ainda outras formas de relacionamento *negativo*, que passam pela imposição de um estado de relacionamento a quem não o pediu nem o deseja, como o *bullying*, a rejeição, o cuidar compulsivo, ou o ser possessivo e ciumento.

Como se depreende do afastamento face ao *continuum* do Círculo, baixos níveis de competência não são consideradas incompetência, ou seja, nenhuma forma de relacionamento *positiva* pode ser considerada *negativa*, por mais extremada que seja. Foi por esse motivo que Birtchnell considerou necessário ter um Octógono positivo e outro negativo, com descrições distintas das suas oito posições.

A bipolaridade atribuída ao Círculo Interpessoal não está presente no Octógono. Ser competente numa posição de um lado do Octógono não impede uma pessoa de se relacionar de forma positiva do lado oposto e, do mesmo modo, um indivíduo pode ter dificuldades em duas áreas opostas, apesar de não necessariamente ao mesmo tempo, pelo que deveria ser possível uma medida registar estas duas dificuldades.

Para Birtchnell, o relacionamento *positivo* (adaptativo) deve ser estimulado e o relacionamento *negativo* deverá ser desencorajado, bem como analisada a sua origem. O conceito de relacionamento *negativo* (disfuncional) é útil em psicoterapia (Birtchnell, 2002) e uma forma de abordar a psicoterapia poderia ser através da capacitação do paciente a ser mais confiante e competente em qualquer octante.

O autor também se posiciona de uma forma distinta dos investigadores do Círculo Interpessoal face à hipótese da complementaridade, na sua perspetiva mais conhecida. Para Birtchnell a complementaridade é sobretudo uma característica do relacionamento interpessoal *negativo*, uma vez que quando duas pessoas *versáteis* se relacionam uma com a outra conseguem ajustar o seu comportamento entre si e a questão da compatibilidade não se coloca: ambos são capazes de desempenhar diferentes papéis em relação um ao outro. É provável que uma relação seja mais bem-sucedida se ambos os parceiros forem versáteis.

Ainda que em determinado ponto admita que os parceiros são compatíveis no eixo horizontal se estiverem no mesmo polo, e no eixo vertical se estiverem em polos opostos, defende que pode não haver acordo ao nível mais específico das ações. Este autor sugere que pode haver um ajustamento limitado quando as deficiências nas formas de relacionamento combinam mas, pela rigidez que lhe está associada, é um ajustamento frágil, que se mantém apenas enquanto as circunstâncias não se alterarem (Birtchnell, 2003)

Outro aspeto da teoria do relacionamento interpessoal de Birtchnell tem a ver com a sua ligação à teoria de vinculação (Bowlby, 1969, citado por Birtchnell, 2003). Birtchnell perspetiva a vinculação como um estado de relacionamento, considerando que existe uma forma *segura* que pode ser considerada como relacionamento *positivo*, e as formas *ansiosa*, *ambivalente* e *evitante* que podem ser consideradas relacionamento *negativo*. Sugere ainda que a Vinculação se enquadra apenas num quadrante do sistema biaxial do Octógono: inicialmente concebida como o relacionamento de uma criança com o seu cuidador,

corresponderia à posição do Octógono Inferior-Próximo (IP). Só mais tarde passaria a incluir também o relacionamento de um adulto com um outro adulto, que corresponderia à posição Neutro-Próximo. Por este motivo, Birtchnell defende que a Teoria da Vinculação apresenta limitações como teoria explicativa geral do relacionamento interpessoal (Birtchnell, 2003).

No âmbito do Modelo do Octógono Interpessoal, o autor desenvolveu um conjunto de instrumentos de avaliação do relacionamento interpessoal *negativo* (disfuncional). A medida mais usada no contexto deste modelo é o *Person's Relating to Others Questionnaire* (PROQ), uma medida do relacionamento interpessoal geral disfuncional ou *negativo*, bem como as suas versões reduzidas (e.g. PROQ 3; Birtchnell, Hammond, Horn, Jong, & Kalaitzaki, 2013; Medina, Vasco, Conceição, Nave & Moleiro, 2004). Por exemplo, estudos com este questionário concluíram que os pacientes em psicoterapia tinham resultados superiores no PROQ face a não pacientes, e que estes resultados diminuíaam ao longo do curso da psicoterapia (Birtchnell, et al., 2013) o que sugere que as medidas do PROQ medem o relacionamento *negativo* e que a psicoterapia tem o efeito de reduzir este relacionamento *negativo* (disfuncional).

Birtchnell designa o relacionamento interpessoal entre duas pessoas em particular, que abrange a forma como cada elemento se relaciona com o outro e a forma como cada um considera que o outro se relaciona consigo, por *inter-relacionamento* e, para o medir, modificou o PROQ de forma a produzir quatro questionários: um de autoavaliação e um de avaliação do parceiro, para cada um dos elementos da díade. Este segundo questionário foi desenvolvido para medir o relacionamento interpessoal disfuncional ou *negativo* em casais, designando-se por *Couple's Relating to Each Other Questionnaires* (CREOQ; Birtchnell, et al., 2006). Foi aplicado em alguns estudos, tendo revelado boas qualidades psicométricas, bem como valor discriminativo, uma vez que a sua aplicação obteve resultados superiores numa amostra clínica face a uma amostra não clínica (Birtchnell, et al. 2006).

O presente estudo insere-se no contexto dos relacionamentos interpessoais numa relação de casal, enquadrando a investigação no Modelo do Octógono Interpessoal, que tem sugerido a existência de uma relação negativa entre o relacionamento interpessoal *negativo* ou disfuncional na relação de casal, e níveis elevados de qualidade da relação. Tem como propósito adaptar e testar as propriedades psicométricas do CREOQ 3 (Kalaitzaki et al., 2014), examinando a sua capacidade para prever a qualidade do relacionamento conjugal. Embora se trate de um instrumento destinado sobretudo a populações clínicas, que avalia o relacionamento disfuncional, espera-se que também apresente capacidade discriminativa numa amostra de casais normais, mais facilmente acessível para um estudo inicial.

Metodologia

1. Amostra

A amostra foi constituída por 96 adultos, 72 mulheres e 24 homens, que estavam numa relação de casal heterossexual no momento do preenchimento. Relativamente ao estado civil, 41.7% dos homens e 38.9 % das mulheres encontravam-se num casamento religioso, 20.8% dos homens e 13.9 % das mulheres em casamento civil, 25.0% dos homens e 26.4 % das mulheres viviam em união de facto/ coabitação e 12.5% dos homens e 20.8 % das mulheres não vivia com a(o) parceira (o). A duração média das relações de casal era de 16.08 anos e a idade média dos participantes de 39.97 anos. Não tinham filhos 43.7% dos sujeitos, 24.0% tinham um filho, 25.0% dois filhos, 7.3 % três ou mais filhos. No que concerne ao grupo profissional, a maioria dos participantes enquadrava-se nos grupos dos Quadros Superiores (42.7%) e Intermédios (31.3%) e tinham Licenciatura/ Bacharelato ou grau superior (74.0%).

2. Instrumentos

Foram aplicados dois instrumentos com origem na Teoria do Octógono das Relações Interpessoais de John Birtchnell, o *Person's Relating to Others Questionnaire 3* (PROQ 3;

Birtchnell et al., 2013) e o *Couple's Relating to Each Other Questionnaires 3* (CREOQ 3; Kalaitzaki et al., 2014). A *Relationship Rating Form Revised* (RRF-R) (Davis, 1996, citado por Lind, 2008) e a Escala do Modelo do Investimento – Subescala do Compromisso (EMI – Parte IV) (Rusbult, Martz & Agnew, 1998) foram utilizadas para validar o CREOQ3. Considerando que este questionário tem o propósito de medir os níveis de relacionamento interpessoal disfuncional, *negativo* ou incompetente, no âmbito da relação de casal, resultados superiores neste questionário deverão estar associados a resultados mais baixos na RRF-R, que mede a qualidade ou satisfação numa relação próxima (neste caso aplica-se às relações de casal), e na EMI – Parte IV – Subescala do Compromisso, que é um preditor reconhecido da duração estimada da relação.

2.1.PROQ3 – *Person's Relating to Others Questionnaire 3*.

É uma medida do relacionamento interpessoal disfuncional (incompetente), cujos itens são constituídos por afirmações sobre o relacionamento interpessoal (e.g. “Cedo facilmente às outras pessoas”), às quais o participante responde numa escala de *Likert* de 4 pontos, de 0 “Raramente Verdade” a 3 “Quase Sempre Verdade”, (Birtchnell, et al., 2013). Trata-se de uma versão reduzida e melhorada, com 48 itens, de um questionário de autoavaliação mais extenso – o PROQ2 (Birtchnell & Evans, 2004, citado por Medina, 2005). Conta já com uma tradução em português (Medina et al., 2004). Contém seis itens para cada uma das oito escalas, que correspondem aos oitos octantes do Octógono Interpessoal (e.g. Birtchnell, 1994), mas um destes itens, em cada escala, expressa uma forma de relacionamento adaptativo e pretende apenas motivar o participante a responder, dando-lhe a oportunidade de dizer algo positivo acerca de si. Por lapso, um dos itens da escala IN – Inferior Neutro não foi incluído no questionário aplicado, pelo que essa escala ficou com menos um item. Ainda assim, no presente estudo, o *Alfa* de *Cronbach* apresenta valores, indicados no Quadro 1, próximos dos obtidos por Birtchnell et al. (2013) e pela versão portuguesa (Medina et al.,

2004) As diferenças de géneros, apuradas através do teste *t* de igualdade de valores médios revelaram médias superiores para os homens na maioria das escalas, mas com diferenças significativas apenas na escala IP – Inferior Próximo, o que não é consistente com estudos anteriores (e.g. Birtchnell & Evans, 2004, citado por Birtchnell et al., 2006).

Quadro 1

Consistência interna (Alfa de Cronbach) do PROQ 3 do presente estudo, de Birtchnell et al., 2013 (amostra inglesa) e de Medina, 2005

	α SN	α SP	α NP	α IP	α IN	α ID	α ND	α SD
Homem	.83	.76	.77	.78	.87	.73	.80	.63
Mulher	.68	.78	.80	.86	.74	.71	.74	.81
Birtchnell et al., 2013 (amostra inglesa)	.75	.79	.74	.80	.80	.66	.80	.70
Medina, 2005	.72	.78	.69	.75	.72	.59	.75	.65

2.2.CREOQ 3 – Couple's Relating to Each Other Questionnaires 3.

É um instrumento que avalia o relacionamento interpessoal ou *inter-relacionamento* disfuncional (incompetente) entre dois elementos numa relação de casal. Tal como o PROQ 3, é também uma versão reduzida de um instrumento mais longo, o CREOQ, e foi obtido a partir deste através de uma análise fatorial exploratória. Trata-se de um conjunto de quatro questionários – o MS (*Man, Self*), que avalia a forma como o homem considera que se relaciona com a parceira (item exemplo: “Tendo a organizar a vida dela”), a MP (*Man, Partner*), que mede a forma como o homem considera que a parceira se relaciona com ele (item exemplo: “Tenta ficar demasiado próxima de mim”), a WS (*Woman, Self*), como a

mulher considera que se relaciona com o parceiro (item exemplo: “Não consigo convencer-me de que ele se preocupe realmente comigo”) e a WP (*Woman, Partner*), como a mulher considera que o parceiro se relaciona com ela (item exemplo: “Não comunica facilmente comigo”). Cada um destes questionários tem uma estrutura semelhante à referida para o PROQ3. Foi elaborada uma versão portuguesa do CREOQ 3 para esta investigação. Realizou-se uma tradução inicial para português, que posteriormente foi retrovertida por uma professora universitária portuguesa, com perfeito domínio da língua inglesa, que reside e trabalha no Reino Unido. A retroversão foi analisada pela autora deste estudo e pelo seu orientador e enviada para o autor do questionário. Foram feitos alguns ajustes nos itens até à versão apresentada e aplicada nesta investigação.

2.3. RRF-R – *Relationship Rating Form Revised*.

A versão portuguesa da escala RRF-R utilizada neste estudo foi elaborada a partir da versão original de Davis (Davis, 1996, citado por Lind, 2008; versão portuguesa, Lind 2008). Este instrumento pretende medir a qualidade de relações próximas através de diferentes dimensões. A escala revista e reduzida, é constituída por um total de 33 itens que se agrupam fatorialmente em três dimensões (Calhau, 2015): *Paixão* (sentimentos face ao parceiro), *Confiança* (confiança na relação e inspirada pelo parceiro) e *Conflito* (aspectos negativos da relação). É composta por um conjunto de questões (e.g., “Existe tensão na sua relação com esta pessoa?”) às quais os sujeitos respondem numa escala de *Likert* de nove pontos. A RRF-R revelou ter propriedades psicométricas satisfatórias, o que se confirmou também no âmbito do presente estudo, em que o *Alfa* de *Cronbach*, quer dos homens quer das mulheres, foi de .96.

2.4.EMI – Escala do Modelo do Investimento – Parte IV: Subescala do Compromisso.

Foi criada por Caryl Rusbult, John Martz e Christopher Agnew (1998) e traduzida para português por Moreira & Leal (2009). Pretende avaliar quatro construtos propostos pelo Modelo do Investimento – o Compromisso e as três componentes da Dependência – Satisfação, Qualidade das Alternativas e Nível de Investimento. No presente estudo, apenas aplicámos a subescala do Compromisso, uma vez que este é um preditor reconhecido da duração da relação. Tal como a RRF-R, a EMI – Parte IV também revelou boas propriedades psicométricas, apresentando um *Alfa de Cronbach* de .94 para os homens e de .88 para as mulheres, o que é consistente com resultados de estudos anteriores.

3. Procedimento

A amostra foi recolhida através da divulgação na rede social da investigadora, e os participantes procederam ao preenchimento *online* dos questionários através da plataforma *Qualtrics*. Para além dos quatro instrumentos referidos, foi-lhes solicitado que respondessem a um questionário sociodemográfico. Os instrumentos eram precedidos de um termo de consentimento informado.

Resultados

1. CREOQ 3 – Qualidades Psicométricas

Os valores do coeficiente *Alfa de Cronbach*, que indicam a consistência interna para cada subescala do instrumento, são apresentados no Quadro 2. Os valores são, em alguns casos, bastante inferiores aos obtidos para o CREOQ numa amostra inglesa (Birtchnell et al., 2006), que constam também do Quadro 2. Oito dos trinta e dois *Alfas de Cronbach* apresentam valores inferiores a .60.

Quadro 2

Consistência interna (Alfa de Cronbach) do CREOQ 3 do presente estudo e de Birtchnell et al. (2006) – amostra inglesa, não clínica

	MS	MS	MP	MP	WS	WS	WP	WP
	α	α	α	α	α	α	α	α
	α	Birtchnell	α	Birtchnell	α	Birtchnell	α	Birtchnell
	presente	et al.	presente	et al.	presente	et al.	presente	et al.
	estudo	(2006)	estudo	(2006)	estudo	(2006)	estudo	(2006)
SN	.76	.75	.33	.80	.80	.72	.59	.86
SP	.70	.64	.61	.68	.74	.75	.75	.78
NP	.37	.73	.20	.71	.77	.78	.69	.82
IP	.49	.76	.75	.77	.77	.69	.80	.82
IN	.74	.75	.60	.71	.69	.70	.67	.79
ID	.39	.71	.77	.60	.71	.75	.66	.72
ND	.27	.78	.64	.80	.79	.85	.69	.83
SD	.49	.77	.77	.75	.72	.69	.82	.88

Desta forma, voltou a efetuar-se a análise da consistência interna destas escalas, retirando-se os itens que estavam a afetar negativamente o *Alfa de Cronbach*. Obtiveram-se então os *Alfas de Cronbach* constantes dos Quadros 3 e 4.

Os resultados do teste *t* (bilateral) de igualdade de valores médios revelaram diferenças significativas entre homens e mulheres apenas na escala *Partner* no octante NP – Neutro Próximo, superior para as mulheres, e nas escalas *Self* correspondentes aos octantes NP – Neutro Próximo, IP – Inferior Próximo e SD – Superior Distante, para os homens, o que não está de acordo com o encontrado no estudo efetuado com o CREOQ na sua versão original (Birtchnell et al., 2006), em que todas as escalas eram superiores para as mulheres e algumas eram significativamente superiores.

Quadro 3

Consistência interna (alfa de Cronbach) do CREOQ 3 após eliminação de itens: escalas MS e WS

	MS	Itens	MS	WS	Itens	WS
	α inicial	Retirados	α final	α inicial	retirados	α final
SN	.76	37	.84	.80	37	.87
SP	.70	27	.75	.74	-	-
NP	.37	46; 19	.65	.77	-	-
IP	.49	14	.60	.77	-	-
IN	.74	40; 44	.84	.69	44	.73
ID	.39	13; 45	.43	.71	-	-
ND	.27	33	.43	.79	-	-
SD	.49	35; 39	.70	.72	-	-

Quadro 4

Consistência interna (Alfa de Cronbach) do CREOQ 3 após eliminação de itens: escalas MP e

WP

	MP	Itens	MP	WP	Itens	WP
	α inicial	Retirados	α final	α inicial	retirados	α final
SN	.33	1; 25	.87	.80	37	.87
SP	.61	5; 38	.73	.74	-	-
NP	.20	2	.39	.77	-	-
IP	.75	-	-	.77	-	-
IN	.60	-	-	.69	44	.73
ID	.77	-	-	.71	-	-
ND	.64	23	.68	.79	-	-
SD	.77	9	.83	.72	-	-

2. Correlações Interescalares do CREOQ 3

As correlações interescalares, efetuadas através do coeficiente de correlação de *Pearson*, dos quatro questionários do CREOQ 3 são apresentadas no Quadro 5. Era expectável que as correlações entre escalas “vizinhas” – diagonais (a negrito) – fossem positivas e apresentassem correlações superiores às restantes. Por exemplo, para a escala SN – Superior Neutro, as escalas vizinhas são Superior Próximo – SP e Superior Distante – SD e para a escala IN – Inferior Neutro as escalas vizinhas são IP -Inferior Próximo e ID -Inferior Distante).

Quadro 5

Correlações (coeficiente de Pearson) interescalares das escalas do CREOQ 3

	SN	SP	NP	IP	IN	ID	ND	SD
<u>MP</u>	SN	.34	.32	-.11	-.35	-.41*	-.13	.26
	SP		.28	.35	.15	.07	.18	.31
	NP			.14	.13	-.21	.02	.06
	IP				.32	.31	.35	.29
	IN					.44*	.50*	.15
	ID						.26	-.23
	ND							.56**
	SD							

(Quadro continua)

Quadro 5

(Quadro continua)

<u>MS</u>	SN	.52**	.35	.14	-.20	-.04	.36	.30
	SP		.48*	.45*	-.28	-.01	.53**	.48*
	NP			.37	.00	-.03	.25	.34
	IP				.04	.32	.48*	.63**
	IN					.36	-.07	.08
	ID						.04	.15
	ND							.35
	SD							
<u>WP</u>	SN	.59**	.50**	.45**	.08	.03	.07	.60**
	SP		.47**	.62**	.22	.06	.48**	.73**
	NP			.67**	.39**	.09	-.02	.43**
	IP				.46**	.19	.18	.60**
	IN					.17	.28*	.29*
	ID						-.05	-.09
	ND							.41**
	SD							

(Quadro continua)

Quadro 5

(Quadro continua)

WS	SN	.62**	.24*	.25*	.05	.02	.13	.57**
	SP		.46**	.42**	.10	.23	.35**	.69**
	NP			.39**	.51**	.33**	-.15	.35**
	IP				.32**	.17	.36**	.50**
	IN					.39**	-.11	.11
	ID						.04	.00
	ND							.54**
	SD							

**p≤.01. *p≤.05

Da observação do Quadro 5 podemos verificar que as correlações nas diagonais são positivas para todas as escalas, em todos os questionários, como esperado, à exceção da correlação ID – Inferior Distante, com ND – Neutro Distante, no questionário *WP (Woman Partner)*. Acresce que esta é a única correlação entre escalas “vizinhas” que não apresenta valores significativos em nenhum dos questionários.

Os questionários *MS (Man, Self)* e *MP (Man, Partner)*, que parecem revelar qualidades psicométricas inferiores, nomeadamente ao nível da sua consistência interna, são os que revelam um maior afastamento face ao previsto ao nível das correlações interescolares. Apenas duas das correlações entre escalas adjacentes nestes questionários são significativas. Para a *MS (Man, Self)*, são estas a correlação da IN – Inferior Neutro com a ID – Inferior Distante, e da ND – Neutro Distante com a SD – Superior Distante, sendo que no caso da primeira não é a correlação com o valor mais elevado. Para a *MS (Man, Self)* são a SN – Superior Neutro com a SP – Superior Próximo e a SP – Superior Próximo com a NP – Neutro

Próximo, e neste caso, para esta última, também não se trata da correlação mais elevada, como seria de esperar.

Para as mulheres, as correlações interescalares nos questionários *Self* e *Partner* refletem, de alguma forma, os bons resultados ao nível da sua consistência interna: 6 das 7 correlações entre escalas adjacentes são positivas e significativas para o questionário *WS – Woman Self*, e 5 das 7 são positivas e significativas para o questionário *WP – Woman Partner*. No entanto, também para as mulheres se verificou que várias das correlações interescalares eram superiores às de escalas “vizinhas”.

3. Comparação entre os resultados do PROQ 3 e os resultados nas escalas *Self* do CREOQ3

Pretendia-se avaliar de que forma se relacionavam os comportamentos interpessoais dos indivíduos no geral com os seus comportamentos na sua relação de casal, uma vez que “as pessoas relacionam-se de forma diferente com outros diferentes” (Birtchnell, 2014). Os resultados do cálculo de índices de correlação *Pearson* revelaram, para os homens, uma correlação positiva significativa em quatro das oito escalas conforme se pode observar no Quadro 6. As mulheres, por seu turno, apresentam correlações significativas em todas as escalas à exceção da SD – Superior Distante.

Quadro 6

Correlações (coeficiente de Pearson) entre as escalas Self do CREOQ 3 e as escalas correspondentes do PROQ3

	SN	SP	NP	IP	IN	ID	ND	SD
Homem	.56**	.42*	.14	.50*	.54**	.29	.20	-.12
Mulher	.53**	.42**	.67**	.66**	.49**	.28*	.39**	.19

**p≤.01. *p≤.05

4. Correlações entre as escalas do CREOQ 3 e a RRF – R

Excetuando a escala IN – Inferior Neutro do questionário *WS – Woman Self* das mulheres, todas as correlações significativas entre as escalas do CREOQ 3 e a RRF – R são negativas, o que corresponde ao esperado, uma vez que a RRF – R avalia a qualidade da relação e o CREOQ 3 o relacionamento disfuncional (incompetente) do casal (Quadro 7).

Quadro 7

Correlações (coeficiente de Pearson) entre as escalas do CREOQ 3 e a RRF – R

	MP	MS	WP	WS
SN	.06	.04	-.11	-.14
SP	-.38	-.43*	-.41**	-.26*
NP	.05	-.27	-.19	.23
IP	-.57**	-.46*	-.39**	-.22
IN	-.31	.19	-.41**	.38**
ID	-.34	-.17	.03	.20
ND	-.50*	-.65**	-.55**	-.67**
SD	-.32	-.36	-.45**	-.47**

** $p \leq .01$. * $p \leq .05$

5. Correlações entre as escalas do CREOQ 3 e a EMI – Parte IV

As correlações entre as escalas do CREOQ 3 e a EMI – Parte IV (Quadro 8) não nos permitem concluir acerca da existência de uma relação entre o Compromisso, e indiretamente entre a duração estimada da relação tal como é medido pela EMI – Parte IV, e o relacionamento disfuncional (incompetente) na relação de casal. Para os homens, apenas se encontrou uma correlação negativa significativa na dimensão ND – Neutro–Distante da escala do *Self*, sendo que, para as mulheres, foram encontradas correlações negativas significativas nas escalas *Self* e *Partner* da dimensão ND – Neutro Distante, e da escala *Partner* da

dimensão IN – Inferior–Neutro, e correlações positivas significativas na escala *Self* da NP – Neutro Próximo e IN – Inferior Neutro.

Quadro 8

Correlações (coeficiente de Pearson) entre as escalas do CREOQ 3 e a EMI – Parte IV

	MP	MS	WP	WS
SN	.20	.21	.04	.08
SP	-.28	-.15	-.18	-.10
NP	.27	.01	-.19	.25*
IP	-.28	-.32	-.19	-.10
IN	-.25	.20	-.35**	.28*
ID	-.31	-.05	.02	.10
ND	-.27	-.59**	-.35**	-.32**
SD	-.1	.20	-.22	-.08

** $p \leq .01$. * $p \leq .05$

Discussão

Os resultados sugerem que níveis superiores de relacionamento disfuncional, tal como medido pelo CREOQ 3, estão associados a níveis inferiores de qualidade da relação, tal como medidos pela RRF-R, mas não foi possível encontrar uma associação com a duração estimada da relação (Subescala do Compromisso da Escala do Modelo do Investimento). Este resultado indica que os padrões disfuncionais de relacionamento afetam a satisfação com a relação e não diretamente o Compromisso que, segundo o Modelo do Investimento, depende também de outros fatores (Rusbult et al., 1998) Por outro lado constatou-se que existem correlações significativas entre algumas dimensões do comportamento interpessoal disfuncional geral (PROQ3) e as dimensões correspondentes do comportamento interpessoal incompetente na

relação de casal (CREOQ3) e que isto é mais visível nas mulheres. Assim, é possível que as pessoas “se relacionem de forma diferente com outros diferentes” mas isto sugere que a forma como os indivíduos se relacionam em diferentes relações não é independente entre si. Podemos ainda supor que um indivíduo, ao responder a um questionário que se reporta a um outro inespecífico, como o PROQ3, terá em consideração as suas interações mais frequentes e até mais próximas, que são muitas vezes as relações de casal ou outras relações próximas, o que poderá explicar em grande medida os resultados encontrados.

O facto dos *Alfas de Cronbach* no CREOQ 3 ficarem um pouco abaixo dos encontrados no estudo original do CREOQ – amostra inglesa (Birtchnell et. al, 2006) – sugere que poderá haver necessidade de reformular e adaptar alguns itens à cultura portuguesa. A análise do conteúdo dos itens que contribuíam para uma redução da consistência interna das escalas em que se incluíam, levou a constatar que alguns destes eram um pouco ambíguos ou difíceis de compreender. Desta forma, sugere-se uma análise dos itens identificados nos Quadros 3 e 4, com vista à sua eventual reformulação, de forma a aumentar a consistência interna da escala. Por exemplo, o item 25 dos questionários *Partner* “Tende a fazer planos que nos incluem aos dois” e o item 37 dos Questionários *Self* “Gosto de fazer planos para ambos” apresentam uma baixa correlação item-total e não contribuem para a consistência interna da escala, quer na versão do homem, quer na versão da mulher. A análise do conteúdo destes itens leva-nos a sugerir que estes poderão estar mais associados à característica “gostar de fazer planos” do que às características típicas do octante da escala em que se inserem (SN – Superior Neutro). As variações encontradas no padrão de diferenças significativas entre homens e mulheres no CREOQ 3 face ao estudo com instrumento original poderão também estar associadas a diferenças nos padrões culturais.

No que concerne às correlações interescares, a correlação ID – Inferior Distante, com ND – Neutro Distante, é negativa no questionário *WP (Woman Partner)* e é a única

correlação entre escalas “vizinhas” que não apresenta valores significativos em nenhum dos questionários. É possível que este resultado esteja a apontar para a necessidade de rever o conteúdo associado à dimensão Distância.

Há ainda a referir que as escalas dos questionários *MS (Male Self)* e *MP (Male Partner)*, que revelam um importante afastamento face ao previsto ao nível das correlações interescares, são as que revelam qualidades psicométricas inferiores, nomeadamente ao nível da sua consistência interna, e em que é mais recomendável ponderar a reformulação de alguns itens.

Quanto à correlação entre os resultados do PROQ 3 e os do CREOQ 3 os resultados do cálculo de índices de correlação *Pearson*, em teste bilateral, revelaram, para os homens uma correlação positiva significativa em quatro das oito escalas – SN (.56**), SP (.42*), IP (.50*) e IN (.54**). O facto de três das quatro escalas em que não se verifica uma correlação significativa se encontrarem na metade do Octógono associada à dimensão Distância, parece sugerir que a forma como os homens se relacionam com os outros em geral na dimensão Distância não está associada à forma como estes se relacionam na dimensão Distância com as suas parceiras. Este aspeto poderá ser aprofundado em estudos futuros.

Curiosamente, as mulheres apresentam correlações significativas em todas escalas, à exceção da SD – Superior Distante, o que poderá apontar para uma maior proximidade entre os comportamentos interpessoais gerais e os comportamentos interpessoais na relação de casal, nas mulheres.

Sugere-se ainda que o facto da escala IN – Inferior Neutro do questionário *WS – Woman Self* das mulheres ter uma correlação positiva significativa com a RRF – R, poderá ser um reflexo do papel tradicional das mulheres bem como das suas expectativas acerca da relação de casal.

Conclusões, limitações e recomendações

No âmbito deste estudo, tomou-se a decisão de não realizar uma análise fatorial do questionário traduzido – CREOQ3. Por um lado, considerou-se não ser este o método mais adequado a um modelo de circunplexo o que, provavelmente, levaria a resultados de difícil interpretação, uma vez que cada escala mede, em simultâneo, o mesmo aspeto – relacionamento interpessoal negativo do casal – e aspetos diferentes ou até opostos – superioridade e inferioridade, proximidade e distância e combinações destes. Por outro lado, considerando a dimensão da amostra (24 homens e 72 mulheres), a análise fatorial não se adequaria. O próprio autor do instrumento original referiu não ter utilizado este método numa amostra holandesa, devido à sua pequena dimensão, num artigo em que foi efetuada a tradução do CREOQ para holandês, (Birtchnell et al., 2006).

Há ainda a referir que se entendeu ser de grande utilidade efetuar um estudo preliminar à estrutura deste questionário, considerando os problemas encontrados em algumas das escalas, nomeadamente ao nível da sua consistência interna, que se poderão dever à necessidade de reformular alguns itens. É importante que estas lacunas sejam identificadas previamente à realização de um estudo com maior volume de recursos envolvidos.

Em estudos futuros, recomenda-se a identificação, análise e correção destes aspetos, bem como um esforço acrescido no sentido da recolha de uma amostra de dimensão superior, que permita efetuar com maior segurança a análise da hipótese da complementaridade, considerando as perspetivas dos teóricos do Círculo Interpessoal e do modelo do Octógono Interpessoal de John Birtchnell.

Por outro lado, considerando que este questionário se destinava originalmente a ser aplicado em populações clínicas, sugere-se que num estudo futuro este seja aplicado, em paralelo, a duas amostras – uma amostra não clínica e uma amostra com casais que estejam em terapia de casal. Isto poderá eventualmente permitir conferir uma maior confiança no

CREOQ3 como instrumento de avaliação do relacionamento disfuncional (incompetente), caso as diferenças nos resultados das amostras sejam significativas e os resultados mais elevados na amostra clínica.

Referências

- Alden, L. E., Wiggins, J. S., & Pincus, A. L. (1990). Construction of circumplex scales for the Inventory of Interpersonal Problems. *Journal of personality assessment*, 55(3-4), 521-536.
doi: 10.1080/00223891.1990.9674088
- Barelds, D. P. (2005). Self and partner personality in intimate relationships. *European Journal of Personality*, 19(6), 501-518.
doi: 10.1002/per.549
- Birtchnell, J. (1999). *Relating in Psychotherapy: The Application of a New Theory* (1^a ed.) Londres: Praeger Westport.
- Birtchnell, J. (2002). Psychotherapy and the interpersonal octagon. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 75(3), 349-363.
doi: 10.1348/147608302320365235
- Birtchnell, J. (2003). *The two of me: The rational outer me and the emotional inner me*. (1^a ed.) East Sussex: Routledge.
- Birtchnell, J., Voortman, S., DeJong, C., & Gordon, D. (2006). Measuring interrelating within couples: The Couple's Relating to Each Other Questionnaires (CREOQ). *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 79(3), 339-364.
doi: 10.1348/147608305X68787
- Birtchnell, J., Hammond, S., Horn, E., De Jong, C., & Kalaitzaki, A. (2013). A Cross-National Comparison of a Shorter Version of the Person's Relating to Others Questionnaire. *Clinical psychology & psychotherapy*, 20(1), 36-48.
doi: 10.1002/cpp.789

- Birtchnell, J. (2014). The interpersonal circle and the interpersonal octagon: A confluence of ideas. *Clinical psychology & psychotherapy*, 21(1), 62-72.
doi: 10.1002/cpp.1819
- Calhau, T. (2015), *Infidelidades: Eu, tu, nós e os outros – Estudo de variantes e preditores do envolvimento extra-relacional*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Lisboa (Faculdade de Psicologia), Lisboa, Portugal.
- Decuyper, M., De Bolle, M., & De Fruyt, F. (2012). Personality similarity, perceptual accuracy, and relationship satisfaction in dating and married couples. *Personal Relationships*, 19(1), 128-145.
doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01344.x
- Donnellan, M. B., Conger, R. D., & Bryant, C. M. (2004). The Big Five and enduring marriages. *Journal of Research in Personality*, 38(5), 481-504.
doi: 10.1016/j.jrp.2004.01.001
- Gonzaga, G. C., Campos, B., & Bradbury, T. (2007). Similarity, convergence, and relationship satisfaction in dating and married couples. *Journal of personality and social psychology*, 93(1), 34.
doi: 10.1037/0022-3514.93.1.34
- Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1992). Marital processes predictive of later dissolution: behavior, physiology, and health. *Journal of personality and social psychology*, 63(2), 221.
doi: 10.1037/0022-3514.63.2.221
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: a longitudinal view of five types of couples. *Journal of consulting and clinical psychology*, 61(1), 6.
doi: 10.1037/0022-006X.61.1.6

Gurtman, M. B. (2009). Exploring personality with the interpersonal circumplex. *Social and Personality Psychology Compass*, 3(4), 601-619.

doi: 10.1111/j.1751-9004.2009.00172.x

Gurtman, M. B., & Pincus, A. L. (2003). The circumplex model: Methods and research applications. In I. B. Weiner & A. Arbor (Eds.), *Handbook of psychology*. (Vol. 3, pp. 407–428). John Wiley and Sons, Inc.

doi: 10.1002/0471264385.wei0216

Jose, O., & Alfons, V. (2007). Do demographics affect marital satisfaction? *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33(1), 73-85.

doi: 10.1080/00926230600998573

Kalaitzaki, A. E., Birtchnell, J., & Hammond, S. (2014). Measuring change in relating and interrelating during the early stages of psychotherapy: Comparison with a nonpatients' sample. *Psychotherapy Research*, (ahead-of-print), 1-10.

doi: 10.1080/10503307.2014.939118

Katz, L. F., & Gottman, J. M. (1993). Patterns of marital conflict predict children's internalizing and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, 29(6), 940.

doi: 10.1037/0012-1649.29.6.940

Kouros, C. D., Papp, L. M., & Cummings, E. M. (2008). Interrelations and moderators of longitudinal links between marital satisfaction and depressive symptoms among couples in established relationships. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 667.

doi: 10.1037/0893-3200.22.5.667

Kouros, C. D., & Cummings, E. M. (2010). Longitudinal associations between husbands' and wives' depressive symptoms. *Journal of Marriage and Family*, 72(1), 135-147.

doi: 10.1111/j.1741-3737.2009.00688.x

- Kouros, C. D., & Mark Cummings, E. (2011). Transactional relations between marital functioning and depressive symptoms. *American Journal of Orthopsychiatry*, *81*(1), 128-138.
- doi: 10.1111/j.1939-0025.2010.01080.x
- Lavee, Y., & Ben-Ari, A. (2004). Emotional expressiveness and neuroticism: Do they predict marital quality?. *Journal of Family Psychology*, *18*(4), 620.
- doi: 10.1037/0893-3200.18.4.620
- Leal, A. R. P. (2009). *De pequenino se torce o pepino: processos de mediação entre as experiências de infância e as relações de casal* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa (Faculdade de Psicologia), Lisboa, Portugal.
- Letzring, T. D., & Nofhle, E. E. (2010). Predicting relationship quality from self-verification of broad personality traits among romantic couples. *Journal of Research in Personality*, *44*(3), 353-362.
- doi: 10.1016/j.jrp.2010.03.008
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Lisboa (Faculdade de Psicologia), Lisboa, Portugal.
- Malouff, J. M., Thorsteinsson, E. B., Schutte, N. S., Bhullar, N., & Rooke, S. E. (2010). The five-factor model of personality and relationship satisfaction of intimate partners: A meta-analysis. *Journal of Research in Personality*, *44*(1), 124-127.
- doi: 10.1016/j.jrp.2009.09.004
- Markey, P. M., & Markey, C. N. (2007). Romantic ideals, romantic obtainment, and relationship experiences The complementarity of interpersonal traits among romantic partners. *Journal of social and Personal Relationships*, *24*(4), 517-533.
- doi: 10.1177/0265407507079241

- Medina, A. (2005). *Responsividade do terapeuta e mudança de padrões interpessoais disfuncionais do paciente ao longo do processo psicoterapêutico* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa (Faculdade de Psicologia), Lisboa, Portugal.
- Meltzer, A. L., McNulty, J. K., Jackson, G. L., & Karney, B. R. (2014). Sex differences in the implications of partner physical attractiveness for the trajectory of marital satisfaction. *Journal of personality and social psychology*, *106*(3), 418.
doi: 10.1037/a0034424
- O'Rourke, N., Claxton, A., Chou, P. H. B., Smith, J. Z., & Hadjistavropoulos, T. (2011). Personality trait levels within older couples and between-spouse trait differences as predictors of marital satisfaction. *Aging & mental health*, *15*(3), 344-353.
doi: 10.1080/13607863.2010.519324
- Pincus, A. L. and Ansell, E. B (2003). Interpersonal Theory of Personality. In I. B. Weiner & A. Arbor (Eds.), *Handbook of Psychology*. (Vol. 2, pp. 209–229). John Wiley and Sons, Inc.
doi: 10.1002/0471264385.wei0509
- Proulx, C. M., Helms, H. M., & Buehler, C. (2007). Marital quality and personal well-being: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, *69*(3), 576-593.
doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00393.x
- Robins, R. W., Caspi, A., & Moffitt, T. E. (2000). Two personalities, one relationship: both partners' personality traits shape the quality of their relationship. *Journal of personality and social psychology*, *79*(2), 251.
doi: 10.1037/0022-3514.79.2.251
- Robles, T. F., Slatcher, R. B., Trombello, J. M., & McGinn, M. M. (2014). Marital quality and health: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *140*(1), 140.
doi: 10.1037/a0031859

- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal relationships*, 5(4), 357-387.
doi: 10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Shiota, M. N., & Levenson, R. W. (2007). Birds of a feather don't always fly farthest: similarity in Big Five personality predicts more negative marital satisfaction trajectories in long-term marriages. *Psychology and aging*, 22(4), 666.
doi: 10.1037/0882-7974.22.4.666
- Schokker, M. C., Stuive, I., Bouma, J., Keers, J. C., Links, T. P., Wolffenbuttel, B. H., ... & Hagedoorn, M. (2010). Support behavior and relationship satisfaction in couples dealing with diabetes: main and moderating effects. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 578.
doi: 10.1037/a0021009
- Wan, C. K., Jaccard, J., & Ramey, S. L. (1996). The relationship between social support and life satisfaction as a function of family structure. *Journal of Marriage and the Family*, 502-513.
doi: 10.2307/353513
- Watson, D., Hubbard, B., & Wiese, D. (2000). General traits of personality and affectivity as predictors of satisfaction in intimate relationships: Evidence from self-and partner-ratings. *Journal of personality*, 68(3), 413-449.
doi: 10.1111/1467-6494.00102
- Wiggins, J. S., Trapnell, P., & Phillips, N. (1988). Psychometric and geometric characteristics of the Revised Interpersonal Adjective Scales (IAS-R). *Multivariate Behavioral Research*, 23(4), 517-530.
doi: 10.1207/s15327906mbr2304_8